

ACÇÃO CULTURAL DAS BANDAS DE MÚSICA¹

“... si cette culture, cette échelle des valeurs, si cette forme d’activité et non telles autres favorisent dans l’homme cette plénitude, délivrent en lui un grand seigneur qui s’ignorait, c’est que cette échelle des valeurs, cette culture, cette forme d’activité sont la vérité de l’homme »

SAINT EXUPÉRY, *Terre des Hommes*, Gallimard, Paris, p. 161

Apostadas em ultrapassar os limites de uma imagem um tanto incompleta ou mesmo deturpada existente na maioria das pessoas, mesmo que animadas de uma certa boa vontade e possuidoras de um nível cultural considerável, há algumas instituições que se vêm preocupando por apresentar uma imagem mais consentânea com a verdadeira realidade e os objectivos que as Bandas de Música se propõem: ajudar os homens, concretamente os homens que aqui somos, vivemos e trabalhamos a descobrir em nós o que nos engrandece e que tantas vezes, culpável ou inculpavelmente ignoramos. Chama-se a isto promoção e desenvolvimento cultural. Daqui poderemos inferir, desde já, que falar de cultura não significa apontar para privilégios de uns tantos que se dizem ou dizemos cultos ou letrados, mas interpelar a todos no sentido de descobrir, cada qual a seu modo, o que são, o que devem ser e valer.

Cultura “indica, em geral, tudo aquilo por meio do qual o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, através do estudo e do trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer da família quer da comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime e comunica aos outros e conserva, nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à humanidade inteira, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações.² Se, por um lado,

¹ Conferência proferida no âmbito do II Encontro das Bandas de Música ligadas às Casas do Povo do Distrito de Viana do Castelo, realizado na Vila de Ponte da Barca em 22 de Setembro de 1984.

este sentido um tanto alargado (quase a modo de definição exaustiva) de cultura vem justificar, desde já, a nossa presença aqui, por outro lado, ele apresenta-se como interpelação e exigência para todos, quer os responsáveis por estas instituições quer os seus utentes e beneficiários. A estes cabe o direito ou quase a obrigação de exigir o apoio adequado ao seu desenvolvimento integral; àqueles cabe o direito e obrigação de favorecer e incentivar esse mesmo desenvolvimento.

As Casas do Povo definem-se hoje como instituições particularmente atentas às preocupações culturais dos homens de hoje. Cabe, no entanto, perguntar aqui se é no sentido de promoção ou apenas de resposta às suas solicitações. É que, notemos bem, se se limitam a uma simples resposta aos interesses culturais daqueles a quem servem, correm o risco de, perante uma certa apatia cultural vigente, ficar comprometidas com uma cultura sem vida e carecida de sentido como a que parece estar-se a construir em muitos aspectos. Trata-se, cremos bem, de despertar, de estimular, de promover, perante e no meio das nossas comunidades rurais, uma quase política de “marketing cultural”. Tal atitude, se quer revestir um carácter honesto, não pode deixar-se enredar em certas formas de alienação edificadas à custa de esquemas importados e com objectivos diferentes quando não mesmo suspeitos; trata-se de descobrir na própria cultura do povo os gérmes do seu próprio desenvolvimento e, num clima de abertura e diálogo com as outras, fazer desabrochar uma identidade cultural renovada sem descurar a sua autenticidade.

A cultura reveste assim um carácter de desenvolvimento e fortalecimento da identidade individual e comunitária, mas implica forçosamente o diálogo, a abertura aos outros, a outras formas de cultura, à imagem do homem que cresce na medida do encontro, da descoberta e da relação com o outro. Não tem faltado quem, a pretexto da investigação da cultura popular e da conservação da sua autenticidade, a tenha lançado para uma situação de narcisismo ingénuo e quase suicida, na esperança de uma ressurreição cultural para uma vida duvidosa. Para bom entendedor... Uma das preocupações mais profundas e sinceras que caracterizam o pensar dos homens de hoje é a da fraternidade e solidariedade. Não temos dúvidas de que o desenvolvimento, florescimento e diálogo cultural trarão um contributo de inegável valor em ordem a esse objectivo. Por isso, “é necessário que, mesmo no meio das antinomias em que vive a cultura humana, ela progrida hoje de tal modo que desenvolva harmónica e

² CONCILIO VATICANO II, *Const. “Gaudium et Spes”*, n. 53

integralmente a pessoa humana e ajude os homens nas tarefas a que todos estão chamados fraternalmente unidos numa única família humana”³

A arte musical como forma de desenvolvimento cultural e humano

Dentro deste espírito, encontramos na arte musical uma linguagem privilegiada para esse necessário e urgente diálogo entre os homens. Não acontece por acaso que a expressão máxima da realização musical de Beethoven tenha sido o sublime canto do ideal romântico da fraternidade universal: “Abraçai-vos, milhões, nesse abraço ao mundo inteiro. Lá por cima do céu estrelado deve habitar um Pai adorável”.⁴ É da experiência de todos os cultores da arte musical a capacidade que ela reveste de nos transportar para mundos quase ideais, derrubando barreiras de classe, credo, profissão, sei lá... A arte musical reveste aquela qualidade que nos leva a sentirmo-nos simplesmente homens. Quando imersos num ambiente musical, cria-se uma atmosfera em que transparece a pessoa, o homem, e não o operário, o empregado de escritório, o camponês ou o artista. Todos são iguais, todos são irmãos... Eis uma experiência única que vivem especialmente os que sincera e honestamente se dedicam à música, mas a que todos são convidados.

Aqui encontramos o alicerce, o ponto de partida para a missão verdadeiramente insubstituível e também a mais gratificante das Bandas de Música nos nossos meios. Urge, por isso, não apenas acarinhar a sua vitalidade, mas talvez mesmo redescobrir nelas e para elas o seu insubstituível papel neste projecto de renovação cultural que nos propomos⁵. Fala-se demasiadamente hoje em dia da crise das Bandas de Música. Os meios de comunicação social, talvez animados da melhor das intenções, referem em termos tais o problema que já nos vai assaltando uma certa psicose. Daqui a pouco teremos que entrar em crise para estar na moda... Em meu entender, porém, a crise que parecem atravessar as Bandas de Música consiste simplesmente na sua participação, na

³ id. n. 56.

⁴ F. VON SCHILLER, Ode “An die Freude”, texto presente na IX Sinfonia de Beethoven.

⁵ Note-se que estávamos em 1984 quando isto foi dito e parece que se concretizou muito do que aqui se propõe. As Bandas não apenas têm sido agentes privilegiados da formação e desenvolvimento musical dos meios em que se inserem como a oportunidade para a formação superior e lançamento de muitos dos seus membros, o que vem resultando no salto qualitativo que se verifica actualmente no nível técnico e artístico das Bandas de Música.

parte que lhes compete, na crise geral de crescimento cultural que o país está a viver e da qual elas serão uma das melhores expressões e também um dos principais frutos, A crise para as Bandas de Música exprime (aliás como o próprio termo indica) uma fase de rejuvenescimento. Pareço ser demasiado optimista ou mesmo idealista? Gostaria de provar que não.

Causas do declínio das Bandas de Música

Constatamos, na verdade, um certo declínio no que respeita à apreciação do trabalho das Bandas de Música e isto por diversos motivos. A enorme profusão de solicitações, que a sociedade de consumo em que vivemos nos oferece, provoca o que poderíamos denominar de esquizofrenia cultural: não sabemos por onde optar e, na maior parte dos casos vai-se pelo lado do mais forte ou do mais pressionante o que não quer dizer pelo lado do melhor. A rádio, a TV, a imprensa, e talvez mesmo outros meios como o vídeo colocam as nossas comunidades mais isoladas em contacto com formas de arte cuja abundância e falta de sistematização vai assentar na total ausência de preparação para o contacto com elas, provocando assim mentalidades superficiais para não falarmos numa pseudo-civilização da ignorância e da mediocridade... Isto conduz mesmo os mais bem intencionados a um exagerado relativismo cultural que acaba por degenerar numa perda de identidade. O disco conferiu à arte musical um auditório jamais suspeitado, mas, nos tempos que correm, é a pura comercialidade, “embrutecedora do sentido estético”, provocadora e criadora de modas e ídolos que preside às preferências artísticas do consumidor... Até se faz colecção de discos. Isto para não falarmos noutros caminhos para onde tal indústria conduziu a juventude e não só...

De mais graves consequências, creio eu, é ainda a imagem que desde há uns tempos a esta parte se vem criando em relação às Bandas de Música. A Banda foi e é ainda uma manifestação da abertura do mundo rural e da gente simples a uma música mais erudita, contraposta ao comum património do folclore com o qual o povo melhor se identifica. Porém, é ou não verdade que em programas, livros, filmes, canções de consumo citadino e pseudo popular quase se levou ao ridículo a Banda e os seus apreciadores? Quem não recorda, por exemplo, esse aspecto caricatural com que se revestiu o apreciador da Banda que “escuta de nariz no ar” uma ou duas vezes por ano

uma música diferente? Para muitos a Banda foi reduzida a uma expressão ridícula das pretensões populares no campo da música. Senão, lancemos um olhar para as condições em que trabalham as nossas Bandas, muitas vezes esbanjando, misturado com foguetes, com canções amplificadas até aos limites do suportável pelo ouvido humano, o trabalho de tantos serões de Inverno onde o calor humano não atinge temperaturas que bastem para manter a afinação dos instrumentos...

As nossas Bandas estão hoje em dificuldade por falta de quem as escute e aprecie devidamente e isto acontece porque as pessoas, ainda que queiram, já não podem ou não conseguem escutar. Falta um público para as nossas Bandas porque se perdeu ou deteriorou a sensibilidade e o bom-gosto. Elas são vítimas, como todos nós, do momento que vivemos e será com a ajuda delas que o vamos enfrentar e ultrapassar. Já não referimos causas de outro género e temos a certeza de que as económicas não são tão determinantes, já que o povo não regateia esforços quando a ajudam a descobrir motivações.

As Bandas de Música e a revitalização cultural

Para além destes factores de ordem externa, existem outros de ordem intrínseca à própria natureza das Bandas de Música que, pesando hoje negativamente, podem vir a ser caminho de revitalização cultural nos nossos meios. O trabalho na Banda apresenta-se como oportunidade de encontro de pessoas que são ainda capazes de trocar um programa televisivo ou sacrificar mesmo o convívio familiar em favor de objectivos mais altos. Aqui vêm-se elas hoje irmanadas pela profusão de coros em boa hora surgida. Porém, ao contrário destes, o trabalho da Banda implica exigências de ordem técnica, no que respeita à execução instrumental e mesmo formação musical que tornam, à partida, o seu trabalho mais difícil apesar de aliciante. Não podemos esquecer que este é o passo para a tal abertura ao contacto com a música mais exigente e à criação de um bom-gosto que consideramos de capital importância. A Banda é uma verdadeira expressão da erudição popular e não são tão poucos os casos em que daí se originam significativos expoentes de arte musical em embrião. A Banda pode funcionar, nos nossos meios rurais, e não só neles, como forma de consciencialização para a exagerada onda de consumismo musical em que vivemos e, a partir daí, constituir um alerta para uma procura consciente e séria de autênticos valores culturais. Será na sua

autenticidade e dedicação que conseguiremos vislumbrar grande número de potencialidades bem como realizar uma purificação tão necessária quanto urgente das formas de viver nos nossos dias e uma valorização dos tempos livres que vão surgindo.

É de suma importância a criação de uma sensibilidade para os valores da verdadeira cultura, uma purificação do sentido estético das pessoas, um despertar e orientar a capacidade selectiva que deve revestir a nossa atitude perante o que nos vai entrando pelas casas dentro. Às Bandas de Música cabe um papel único e insubstituível nesse esforço. Elas, juntamente com poucas mais formas de cultura popular, deverão ajudar a criar esse ambiente renovado, deverão criar o seu próprio público formado por gente que sabe o que quer e com o que se pode identificar. Elas representam ainda algo de muito autêntico entre nós e possuem potencialidades que favorecem a evolução e o progresso cultural. Sabemos o que significa o contacto directo com as fontes do som, da música trabalhada, que o disco ou outras formas de reprodução não oferecem; as vibrações interiores são radicalmente diferentes – que o digam os próprios executantes – e sabemos das dificuldades de uma orquestra de profissionais se deslocar aos meios mais isolados. E depois, não há nada que pague o prazer interior de chegar ao fim de uma obra, ao momento em que, de certo modo, ela se torna nossa!... Será alguém capaz de o explicar? Eis portanto um espaço dentro do nosso panorama cultural que mais ninguém poderá preencher. Sendo a crise das Bandas de Música um dos elementos da crise em que vivemos, penso ser o momento se ir ultrapassando os aspectos negativos que esse crescimento implica. A preocupação sincera com a autenticidade da nossa cultura e com a superação do empobrecimento do sentido crítico das populações será o caminho para o alcance dos objectivos que aqui nos propomos.

O apoio das Casas do Povo ao trabalho das Bandas de Música

É na transformação do nosso ambiente, no crescimento humano e cultural, e na justificação do trabalho das Bandas de Música que as Casas do Povo poderão e deverão actuar. A elas, enquanto empenhadas na missão de promover culturalmente as populações compete em grande medida ir criando actividades que proporcionem ao público autênticas vivências culturais. Às Casas do Povo, como a qualquer entidade que olhe para a cultura, cabe primordialmente uma aturada quanto possível investigação sobre o que serve de verdade a cultura sem se deixar envolver por formas fáceis e

vistas, por espectacularidades fáceis que só trarão como fruto o vazio e a frustração subsequente. Encontrei nos escritos de um conhecido musicólogo aquilo que para as Casas do Povo pode constituir um programa de actuação neste campo: “o que interessa, à partida, não é o entender de música, é gostar dela, é senti-la, é amá-la e compreendê-la – não tanto na sua ciência, como na sua essência, não tanto na sua técnica como na sua linguagem, não tanto nos seus processos como na sua mensagem”.⁶

Compete-lhes, enquanto instituições responsáveis, não esbanjar recursos em apoio de formas de actuação orientadas para expressões estandardizadas de consumismo musical, caindo no exageradamente fácil e medíocre, ou até mesmo recentes tendências artísticas e musicais que enfermam de um “revisteirismo” barato, anacrónico e deslocado quando aos nossos meios se refere. Cultive-se e favoreça-se uma séria Educação Musical orientada para a compreensão e desenvolvimento de verdadeiras formas de arte e não para o exibicionismo do mau gosto e da ignorância, quando não mesmo alienante e assassino dos valores já amarfanhados pela mediocridade envolvente. O melhor modo de se apoiar as nossas Bandas de Música é criar uma séria exigência quanto a qualidade do trabalho, é acarinhar o seu esforço tantas vezes ignorado, é criar-lhes um público que aposta e acredita no bom senso e no bom gosto. Caso contrário, ombrearemos sempre com as mesmas dificuldades e os mesmos problemas.

Alarguem o âmbito destes certames que serão de promover e de continuar. Eles favorecem a criação de novos cenários para a arte e para a cultura musical que define e especifica as Bandas de Música. Dêem às Bandas um espaço de manobra que transcenda os limites da confusão das festas e romarias e elas descobrirão, de certeza, campos insuspeitados de realização. Criem para elas espaços e oportunidades de convívio e troca de experiências que só servirão para favorecer o ambiente de diálogo entre os seus membros uma sadia competitividade que leva ao aperfeiçoamento e aumento de qualidade de repertório e de execução e que fortalece o convívio e fraternidade entre as comunidades que elas servem e representam

⁶ FERNANDO LOPES-GRAÇA, *Reflexões sobre a Música*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1978, p. 218.

Conclusão

Finalmente, para vós, cultores dessa arte ignorada e mal agradecida que vos absorve os tempos livres para que os outros os possam gozar, muitas vezes indiferentes, a homenagem de alguém que vos respeita e augura um futuro mais animador, alguém que, de certo modo, apostado desinteressadamente na mesma causa, se sente um de vós.

Aos representantes directivos das Casas do Povo, o voto de que a demonstração das potencialidades culturais mais uma vez contemplada se torne um apelo constante às vossas responsabilidades perante aqueles que de vós esperam e exigem sempre mais. Se neste trabalho de conjunto se for descortinando, além do mais, a imagem do homem em crescimento, estamos, de certeza, no bom caminho.